

DESAFIOS DO TELEJORNALISMO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

CHALLENGES OF TELEJOURNALISM: TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION

DESAÍOS DEL TELEJORNALISMO: ENSEÑANZA, INVESTIGACIÓN Y EXTENSIÓN

EMERIM, Cárilda; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio (Org.).
Desafios do telejornalismo: ensino, pesquisa e extensão. Florianópolis:
Insular. 2017.



RESUMO

Este livro traz reflexões sobre o aprendizado de telejornalismo, compreendendo que ele se dá nas três instâncias: ensino, pesquisa e extensão. Trata-se do sexto volume da Coleção Jornalismo Audiovisual, que foi idealizada pela Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (TELEJOR), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Portanto, algumas proposições ali contidas vêm sendo amadurecidas pelos pesquisadores há alguns anos. A publicação, além de analisar contextos de desenvolvimento da área, traz ponderações relevantes sobre o fazer e ensinar telejornalismo, além de propostas práticas para o futuro da área.

PALAVRAS-CHAVE: TELEJORNALISMO; ENSINO; PESQUISA; EXTENSÃO.

ABSTRACT

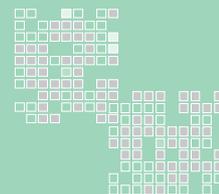
This book brings reflections about the learning of telejournalism, understanding that it occurs in three instances: teaching, research and extension. This is the sixth volume of the Coleção Jornalismo Audiovisual, which was conceived by the Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (TELEJOR), of the Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Therefore, some propositions contained therein have been matured by researchers for some years. The publication, besides analyzing contexts of development of the area, brings relevant considerations about how to do and teach telejournalism, besides practical proposals for the future of the area.

KEYWORDS: TELEJOURNALISM; TEACHING; SEARCH; EXTENSION.

RESUMEN

Este libro trae reflexiones sobre el aprendizaje de telediario, comprendiendo que se da en las tres instancias: enseñanza, investigación y extensión. Se trata del sexto volumen de la Coleção Jornalismo Audiovisual, que fue idealizada por la Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (TELEJOR), de la Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Por lo tanto, algunas proposiciones allí contenidas vienen siendo maduradas por los investigadores hace algunos años. La publicación, además de analizar contextos de desarrollo del área, trae ponderaciones relevantes sobre el hacer y enseñar telediario, además de propuestas prácticas para el futuro del área.

PALABRAS CLAVE: TELEDIARIO; ENSEÑANZA; INVESTIGACIÓN; EXTENSIÓN.



Como o próprio título antecipa, este livro tem como objetivo mapear as últimas mudanças ocorridas no ensino de telejornalismo, nas instituições brasileiras, apontando fragilidades e possibilidades que se abrem com as últimas mudanças tecnológicas, no tripé ensino/pesquisa/extensão. Esta obra é mais uma contribuição acadêmica da Rede de Pesquisa em Telejornalismo (TELEJOR), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR. Para isso, resgata a chegada da televisão no Brasil e o impacto deste advento no ensino possibilitado pelos, então recentes, cursos de Jornalismo. Vale apontar que o livro aborda sob diferentes ângulos a adaptação das instituições a este novo panorama de ensino desenhado na reformulação dos projetos pedagógicos, visando atender as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para o Curso de Jornalismo, aprovadas em 2013¹.

Organizado por Cárilda Emerim, Cristiane Finger e Flávio Porcello, o livro faz parte da Coleção Jornalismo Audiovisual, que traz, ainda, os seguintes títulos: *O Brasil (é)ditado* (2012), *#telejornalismo: nas ruas e nas telas* (2013), *Telejornalismo em questão* (2014), *Telejornalismo e Praça Pública* (2015) e *Telejornalismo e poder* (2016).

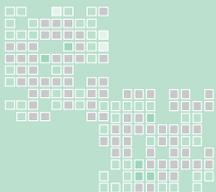
Este sexto volume da coleção, *Desafios do telejornalismo: ensino, pesquisa e extensão*, traz, ao todo, 13 capítulos escritos por 22 pesquisadores, doutores e com ampla experiência na prática e ensino do telejornalismo. E isso faz toda a diferença. Cada capítulo intercala análises sobre o ensino, com questões práticas do mercado e suas demandas aos novos profissionais que chegam às redações. Como ressalta Flávio Porcello, no capítulo intitulado “A teoria em prática no ensino do Telejornalismo”: “Não se aprende televisão apenas assistindo TV!” (2017, p. 127). E é justamente a valorização da prática, de forma a equipará-la aos conhecimentos teóricos, a premissa básica ao longo de todo o livro².

A publicação está dividida em três seções. A primeira apresenta um panorama do ensino de telejornalismo em instituições de diferentes regiões do país. Os artigos focam em realizar comparativos delineando o desenvolvimento histórico desse conteúdo dentro do curso de jornalismo ao longo dos anos.

Ao realizarem esta análise, os diferentes pesquisadores chegam a pontos em comum. Um deles é o diagnóstico de que, por muito tempo, os cursos de jornalismo privilegiaram o ensino sobre as mídias impressas, deixando de lado outras mídias como a televisão. Com as novas DCN's esse panorama muda, são ampliadas as disciplinas nas quais o telejornalismo é abordado, bem como há uma crescente valorização dos seus aspectos práticos e não apenas teóricos. Esta seção traz, também, projetos bem sucedidos, como o “Para além da sala de aula”, desenvolvido com alunos do

1 O Ministério da Educação solicitou que uma Comissão de Especialistas organizasse uma discussão nacional sobre o ensino do Jornalismo. A Comissão ouviu os agentes envolvidos no processo jornalístico, da produção à recepção, em três audiências e uma consulta pública. Depois disso, em 2009, foi apresentado um relatório com a proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, desvinculando-as das Diretrizes Curriculares Nacionais para a área de Comunicação Social e suas habilitações. O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou as novas Diretrizes em 2013 e estabeleceu um prazo de dois anos para que as instituições de ensino superior adequassem seus cursos. Apesar da natural resistência inicial, as novas Diretrizes Curriculares buscaram, sobretudo, valorizar as especificidades da área e garantir uma formação profissional mais atual.

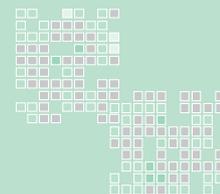
2 Segundo pesquisa da Mídia Dados, de 2016, atualmente, existem 272 emissoras geradoras comerciais de televisão, cuja programação é repassada para cerca de 6.200 emissoras retransmissoras. Estima-se, também, que 97,1% dos domicílios brasileiros possuam televisores (MÍDIA DADOS, 2016). Isto demonstra o quanto esta mídia ainda é presente no cotidiano do brasileiro e, portanto, campo de trabalho para a atuação de profissionais formados.



Ibmec e da Faculdade Pinheiro Guimarães (ambas do Rio de Janeiro), que possibilita a aproximação e compreensão sobre os *modos operandi* das redações de telejornais. Além disso, destaca-se o surgimento de um novo meio colaborativo para a circulação de produções audiovisuais - o YouTube, cada vez mais acessado e segundo o autor, as Redes Sociais podem alterar o modelo de produção e ter efeito nos formatos. (CAJAZEIRA, 2017). O YouTube como meio democrático e aberto valoriza a possibilidade da prática experimental do Telejornalismo em sala de aula. O autor enfatiza três formatos mais comuns nas produções universitárias: entrevistas, boletins e grandes reportagens. Outro foco importante são as mudanças provocadas no ensino do Telejornalismo pós novas Diretrizes Curriculares, que indicam a solidez na prática experimental de formatos inovadores, mas os autores observam a necessidade de estrutura laboratorial, câmeras adequada e técnicos e uma formação mais integrada, associando teoria e prática ao longo de todo o curso dos campus da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (SILVA E., Belém V.). Seguindo na mesma linha de requisitos os cursos da região central do Brasil, verificou-se poucas iniciativas para fugir do modelo tradicional de ensino para o Telejornalismo, distanciando-se assim das necessidades do mercado.

A segunda seção é voltada à discussão acerca dos conteúdos programáticos necessários para formar o jornalista atuante no telejornalismo. Ao fazer isso, reforça que é preciso trazer possibilidades práticas para os estudantes, desde os primeiros períodos do curso. Assim, os professores acreditam que o discente é desafiado a refletir sobre a sua atuação frente aos fatos sociais, aprendendo não apenas as técnicas da profissão, como, também, refletindo sobre seu fazer ético. Nesta seção, é interessante perceber as dificuldades, sobretudo estruturais, que as instituições atravessaram ao longo das trajetórias de seus cursos, para que os alunos pudessem aprender, mesmo que minimamente, o *savoir-faire* do telejornalismo. Em grande parte, o processo de digitalização e barateamento das novas tecnologias facilitou para que muitos projetos pudessem sair do papel. Vale ressaltar que, ainda assim, há uma disparidade significativa entre as tecnologias utilizadas no mercado e o que está disponível em muitas universidades. Na Facom, por exemplo, a captação de imagem e áudio ainda é analógica, como apontam Christina Ferraz Musse e Cláudia de Albuquerque Thomé, no capítulo 10 do livro. Em resposta a esse tipo de situação, Cárilda Emerim, Antonio Brasil e Fernando Crocomo propõem uma guerrilha tecnológica, cujo lema é “fazer bem feito com o que temos e com quem quer realmente fazer” (2017, p. 101). Os autores afirmam que no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) há um modelo de ensino de telejornalismo que vem sendo implementado a mais de três décadas, cuja diretriz básica é a prática intensiva como forma de qualificar a formação na graduação. O texto relata toda a história e trajetória de ensino da disciplina de Telejornalismo em formato de projetos experimentais. Atualmente, o ensino da prática está focado no tripé ensino, pesquisa e extensão. Em 2004, o Laboratório de Telejornalismo em parceria com o Núcleo de Televisão Digital Interativa, prospectava e desenvolvia programas interativos. Além disso, o curso de Jornalismo da UFSC foi pioneiro na experimentação da TV Digital Interativa. Segundo os autores na mesma direção, o Grupo GIPTele, mantém programas permanentes de espaços de experimentação. Um dos programas referência e mais premiados do curso, resultado de uma pesquisa prática experimental é o TJ UFSC produzido pelo LabTele e exibido ao vivo via Facebook e YouTube todos os dias.

Cristiane Finger, por sua vez, resgata em seu artigo a chegada da televisão no Brasil e os programas de auditório da Rádio Farroupilha, em Porto Alegre. A história do Jornalismo da Pontifí-



cia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) revela que as primeiras iniciativas de ensino do Telejornalismo ocorreram em uma disciplina denominada Rádio e Televisão. Em 1968, as disciplinas foram separadas em Técnicas de Rádio e Técnicas de Televisão. A autora enfatiza como desafio a assimilação das tecnologias digitais para produção e da internet para a circulação de notícias.

O livro mostra que a prática das técnicas de apuração, produção, reportagem e edição são fundamentais para atividade no jornalismo de televisão (PORCELLO, F.). Também com ênfase da prática, mais um estudo de caso é apresentado pela autora Letícia Renault com o webtelejornal Campus, da Universidade de Brasília (UnB), que tem como plataforma de distribuição o YouTube.

Já a terceira seção do livro traz algumas possibilidades práticas para quem leciona telejornalismo. Ela se volta a pensar o ensino no telejornalismo em um contexto marcado pela convergência midiática, que atualiza algumas concepções consolidadas, como até mesmo a de telejornalismo. “Se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas” (JENKINS, 2008, p. 30).

O livro parte, também, de uma premissa que já vem sendo trabalhada nos outros volumes da coleção, a noção de telejornalismo enquanto algo que é produzido para as diversas telas (inclusive dos dispositivos móveis). Como preparar o aluno para produzir telejornais que serão acessados pelos mais diferentes suportes? Como utilizar o potencial da internet para possibilitar mais exercícios práticos para os estudantes? Esta seção se volta a estas questões. Por exemplo, para quem está iniciando o desafio de ministrar aulas voltadas ao telejornalismo, no capítulo 11, intitulado “Aprendendo a olhar”, Célia Maia Ladeira Mota elenca atividades realizadas com sucesso entre os seus alunos e que auxiliaram na percepção da multimodalidade do discurso televisivo. Vale ler e experimentar em sala de aula.

O livro encerra refletindo sobre qual tipo de conhecimento está sendo produzido na academia acerca do telejornalismo. Para isso, Iluska Coutinho e Ariane Pereira analisam as produções discentes de artigos (Intercom Júnior) e projetos experimentais (Expocom), apresentados por cinco anos nos Congressos Nacionais da Intercom. Com esta análise, elas identificam que os estudos estão pouco voltados para a história do telejornalismo e para o futuro da área. A maioria dos trabalhos está concentrada no telejornalismo do tempo presente. Além disso, os estudos se voltam, principalmente, para grandes emissoras e jornais em TV aberta. Com esta análise, é possível perceber que o interesse dos graduandos está restrito a alguns objetos produzindo, dessa forma, lacunas na produção científica voltada a compreender o telejornalismo, e, com isso, o livro encerra desenhando possibilidades que precisam ser trilhadas por professores, pesquisadores e estudantes da área.

Resenhistas: Ingrid Pereira de Assis³ e Rita de Cássia Romeiro Paulino⁴

3 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); mestre em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, também, pela UFMA. E-mail: ingrid.p.assis@hotmail.com.

4 Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), docente do curso de Pós-Graduação em Jornalismo, também pela UFSC. E-mail: rcpauli@gmail.com.

